

A Identificação das Tradições Rupestres no Estado de Minas Gerais: dificuldades e comparações com regiões Nordeste-  
nas.

Fabiano Lopes de Paula

Bolsista do CNPq, Setor de Arqueologia UFMG

André Prous

Responsável pelo Setor de Arqueologia UFMG e pela Missão Arqueológica Franco Brasileira de Minas Gerais.

Bolsista do CNPq.

Em trabalhos anteriores esboçamos uma caracterização de duas Tradições: a Tradição Planalto e a Tradição S. Francisco, cada uma constando de várias subdivisões ainda provisórias.

Resultados obtidos em campanha arqueológica que realizamos em Januária, assim como a recente multiplicação de novas publicações concernentes à arte rupestre em vários estados do Nordeste, particularmente no Rio Grande do Norte, e as prospecções realizadas por um dos autores na Bahia, evidenciam que muitas ocorrências mineiras assemelham-se às manifestações nordestinas.

Já havíamos assinalado a presença da "Tradição Nordeste" como a manifestação rupestre mais antiga, posteriormente à Januária. O mesmo ocorre em sítios bahianos, principalmente na Toca da Onça (Iuiú) onde elementos da Tradição Nordeste estão situados em posições estratégicas, em relação às demais figuras no mesmo suporte rochoso.

Posteriormente, no meio dos grafismos das Tradições Planalto e S. Francisco, são encontrados elementos que se ligam com os dos estados setentrionais.

Apesar das possibilidades de convergência, devemos considerar a hipótese de que sejam também resultantes de difusão, quando levamos em conta o eixo natural de comunicação formado pelo Rio S. Francisco e seus tributários.

Relações com a Tradição Geométrica

Em vários sítios do Alto Médio São Francisco, misturados a grafismos da Tradição São Francisco, é bem marcante a presença de série de "carimbos" ovalados com preenchimento variado.

Esta categoria é ausente em outras regiões de Minas Gerais, sendo frequente em Sete Cidades (Piauī) e em sítios da Bahia ( Central' e Iuiu ) onde costumam ser "completados" por impressões dos próprios dedos, ou mesmo de traços retos feitos como o auxílio do pincel dando ao conjunto a aparência de uma mão. Inclusive há casos em que as próprias mãos eram parcialmente pintadas e aplicadas como carimbos.

Representações de armas e de algumas figuras geométricas simples: linhas com traços perpendiculares retos ou curvos monocromáticos (em Januária e alguns sítios do Vale do Jequitinhonha e do rio das Velhas) gravadas nos sítios de Montalvânia, formam o pano de fundo sobre o qual destam-se os geométricos policromáticos da Tradição São Francisco.

Tais figuras "simples" caracterizam também a Tradição Geométrica definida por Niède Guidon e Gabriela Martin no Nordeste. Na "fácies Montalvânia" elas formam, em alguns sítios, a quase totalidade dos grafismos gravados. Pode-se, no entanto suspeitar que a Tradição São Francisco e a Tradição Geométrica tenham-se influenciado em Minas Gerais e no estado da Bahia ao longo do Rio São Francisco. Há ainda a possibilidade de que uma Tradição tenha derivado da outra, por um processo de simplificação ou de enriquecimento progressivo.

#### Relações com a Tradição Agreste

Ainda no Nordeste, N. Guidon identificou uma tradição Agreste, que pela descrição feita por A. Aguiar seria particularmente caracterizada por figuras antropomorfas toscamente elaboradas ("Bonecões" de N. Guidon). Estas figuras apresentam-se isoladamente em numerosos sítios no Alto Médio São Francisco, até agora prospectados, desde Januária onde são mais bem elaborados até Iuiú (Ba). Tais "Bonecões" aparecem em área de domínio da Tradição Planalto, especialmente Santana do Riacho, na Serra do Cipó. Estas manifestações aparentemente recentes na sequência regional, poderiam resultar apesar das diferenças de confecção e cor, de uma preferência interregional tardia pelo tema

#### O Caso da Facies Ballet

Em nossos primeiros trabalhos, assinalamos no Cen-

tro de Minas Gerais, ocorrências originais (facies Ballet) que apesar da sua singularidade tínhamos colocado na Tradição Planalto. A publicação por G. Martin do Sítio Casa Santa mostra grafismos muito parecidos no estado do RN. Acreditamos que a "facies Ballet" possa ser, no futuro, destacada, podendo então constituir nova unidade estilística. O referido sítio de Casa Santa, incluído na Tradição Nordeste (estilo Seridô), apresenta a justaposição de elementos do tipo "Ballet" com elementos geométricos cujo tratamento de superfície evoca o Estilo Caboclo da nossa Tradição S. Francisco.

### Conclusão

Poderíamos multiplicar os exemplos de convergência entre os sítios mineiros e nordestinos.

Outras considerações foram descritas em artigo ainda no prelo.

O que quisemos mostrar foi a complexidade dos problemas da tipificação dos grafismos rupestres e propor uma revisão da nomenclatura a partir da elucidação dos problemas levantados. Apesar de algumas unidades aparecerem bem claras em determinados sítios, e de termos em algumas regiões conseguido o estabelecimento de seqüências cronológicas, o quadro de conjunto ainda se apresenta de maneira confusa, passível de discussão.

Por outro lado, com as Tradições já propostas para o Brasil Central e Nordeste, talvez fosse operacional o reconhecimento de dois grandes conjuntos; o primeiro de tendência geométrica (Tradição São Francisco e Tradição Geométrica) e o outro com a Temática naturalistas dominante com enfoque nos animais (a Tradição Planalto) acrescidos de cenas com antropomorfos (a Tradição Nordeste).

Bibliografia

AGUIAR, Alice

1982 Tradições e estilos na Arte Rupestre no Nordeste Brasileiro. Clio, Rev., Mest. Hist., Recife, 5:91-104, 4 fig. Bibl.

GUIDON, Niède

1980 Arte Rupestre no Piauí. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi, ed-s. Temas de Arqueologia Brasileira. Goiânia, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, 4:15-34.

MARTIN, Gabriela

1982 Casa Santa: Um abrigo com pinturas rupestres no Estilo Seridô, no Rio Grande do Norte. Clio, Rev. Mest. Hist., Recife, 5:55-80, 4 desenhos, 9 fig. 2 mapas, 1 painel + bibl.

PROUS, André; LANNA, Ana Lúcia; PAULA, Fabiano Lopes de

1980 Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. Pesquisas: Série antropologia, São Leopoldo, 31:121-46, 1 mapa, 5 pranchas, bibl. (estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira em homenagem de T.A. Rusins).

PROUS, André &amp; PAULA, Fabiano Lopes de

no prelo "Informações Preliminares sobre grafismos de tipo Nordeste no Estado de Minas Gerais" a se publicado na Rev. de Pré-História, São Paulo, USP.

SOLÁ, Maria Elisa C.; PROUS, André; SILVA, Gisele Rocha

no prelo. Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária - Itacarambi -MG. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SAB, 1, Rio de Janeiro, mapa, fig., bibl.

VALENÇA, José ROLIM (coordenador)

1984 Herança - A expressão visual do brasileira antes da influência do europeu.

Empresas Dow, São Paulo, 152 p. 148 fotos a cores e 158 fotos em preto-e-branco.

Agradecimentos

Agradecemos ao Drs. A. e R. Bryan e ao Dr. O. Heredia por ter acolhido um dos autores (F. L. de Paula) nos seus trabalhos no Estado da Bahia.

RESUMÉ

Les auteurs montrent qu'une relation paraît exister entre les Traditions rupestres "São Francisco" (du Minas Gerais) et "Geométrica" (du Nordeste) d'une part, et entre les Traditions "Planoalto" (du Minas Gerais) et "Nordeste" d'autre part. D'autres manifestations graphiques de l'état de Minas Gerais ont également leur parallèle dans les sites septentrionaux.

ILUSTRAÇÕES

Alguns dos grafismos comuns às Tradições São Francisco e "Geométrica" de Sete Cidades.

a-e,g-h: sinais geométricos

f : propulsor

j-k : biomorfos

l : carimbo

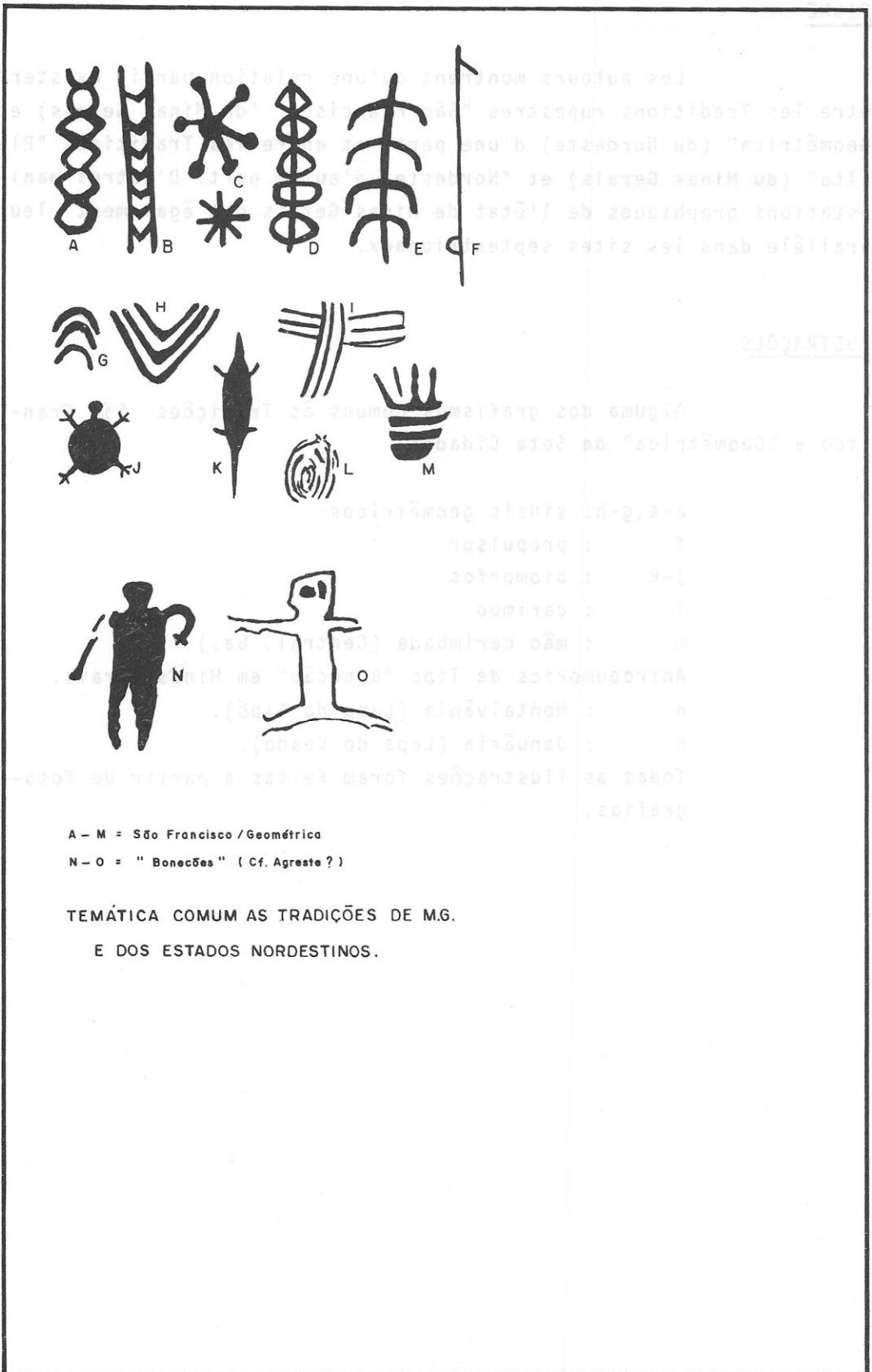
m : mão carimbada (Central, Ba.)

Antropomorfos de Tipo "Bonecão" em Minas Gerais.

n : Montalvânia (Lapa do Cipó).

o : Januária (Lapa do Veado).

Todas as ilustrações foram feitas a partir de fotografias.



MÉTODOS DE ANÁLISE MINERALÓGICA, PETROGRÁFICA E  
FÍSICO-QUÍMICA APLICADOS AO ESTUDO DE SINALAÇÕES  
RUPESTRES E ARTEFATOS LÍTICOS E CERÂMICOS:  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E APLICAÇÕES PRÁTICAS

1. INTRODUÇÃO

2. TÉCNICAS DE ESTUDO

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE PIGMENTOS E SUPORTES ROCOSOS

4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS PROCESSOS DE DEGRADAÇÃO NA  
TURAL E MÉTODOS DE PRESERVAÇÃO DE PAINTS  
RUPESTRES

5. ABRIGOS-ROCHA

6. RESTAURAÇÃO DE PINTURAS RUPESTRES: SUBSÍDIOS PARA  
ABORDAGEM E DISCUSSÃO DO TEMA

Rui Campos Perez  
Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais, CETEC, Belo Horizonte  
Fabiano Lopes de Paula  
Setor de Arqueologia da UFMG, Belo Horizonte